

# HERMANN PAUL E O CRUZAMENTO DE LÍNGUAS

*Hercules Brasil Vernalha*<sup>1</sup>

## RESUMO

Este ensaio apresenta uma análise do penúltimo capítulo da obra *Princípios Fundamentais da História da Língua*, em que o eminente linguista Hermann Paul investiga a influência que as línguas exercem umas sobre as outras. Diversos aspectos desse processo, sua motivação, a forma pela qual se dá e suas consequências, estão presentes no texto de Paul e referenciados neste estudo, que procura destacar algumas abordagens características do momento histórico em que a obra foi escrita.

## PALAVRAS-CHAVE

Cruzamento de línguas; Estrangeirismos.

## ABSTRACT

*This paper presents an analysis of the penultimate chapter of the book *Fundamental Principles of the History of Language*, in which the eminent linguist Hermann Paul investigates the influence languages exert upon each other. Several aspects of this process, such as motivation, development and consequences, are present in Paul's text and referred to in this paper, which tries, as well, to highlight some approaches of the historical moment characteristics in which the book has been written.*

## KEY WORDS

*Crossing of languages; Loanwords.*

---

<sup>1</sup> Doutorando em Língua Portuguesa pela PUC/SP. Mestre em Engenharia de Produção, Especialista em Administração e graduado em Engenharia Civil. Coordenador dos Cursos de Engenharia da FAAT – Faculdades.

O linguista alemão Hermann Otto Theodor Paul, nascido em 1846, faz parte do grupo de pesquisadores conhecidos como *neogramáticos*, cujo interesse não se concentra nas muitas investigações comparativas de gramáticas de diferentes línguas, realizadas ao longo do século XIX em busca da reconstrução da língua ancestral indo-europeia. Autores como Paul, Osthoff e Brugman seguiram em outra direção e decidiram priorizar a observação de fenômenos que caracterizaram as mudanças sofridas pelas línguas ao longo do tempo. Entre eles, Paul foi um dos que mais influenciou o pensamento linguístico pelos anos afora (Corrêa, 2011).

Em sua obra maior, *Princípios Fundamentais da História da Língua*, editada pela primeira vez em 1880, Paul procura refletir sobre a língua a partir de sua evolução histórica, condição que julga necessária à compreensão dos processos linguísticos. No vigésimo segundo e penúltimo capítulo do livro, *Cruzamento de Línguas*, o autor tece interessante análise sobre a forma pela qual as línguas influenciam umas às outras. Trata-se de texto cujas propostas apresentam-se amparadas por farta exemplificação. Seu estudo é valioso, entre outras razões, pela clara expressão da visão oitocentista dos fenômenos pelos quais se dá a influência cultural entre povos de diferentes línguas.

Hermann Paul (1966, p.409) inicia o capítulo apresentando a ideia de que, em sentido bastante amplo, toda conversa implica um cruzamento de línguas, pois cada indivíduo falante está de alguma forma influenciando o conjunto de ideias referentes à língua do ouvinte. Para ressaltar a importância do estudo do tema, o autor cita Hugo Schuchardt, eminente linguista de tradição germânica, que – coerente com sua formação orientada para a análise histórica – julgava ser esse o problema mais importante que se impõe à linguística.

Tratando do cruzamento de línguas no sentido restrito da expressão, Paul classifica as possibilidades de sua ocorrência em três categorias, a saber:

- a influência de uma língua sobre outra que nada tem a ver com ela ou diferencia-se fortemente dela.
- a influência de um dialeto sobre outro que pertença à mesma área linguística do primeiro.
- a adoção de fenômenos já desaparecidos em algum ponto da história da língua.

Para a ocorrência do cruzamento de línguas fortemente diferentes, o autor ressalta a necessidade de haver indivíduos que falem diversas línguas, ou bilíngues ou ainda que, pelo menos, tenham um mínimo de compreensão de uma língua estrangeira. Segundo ele, as ocasiões para o bilinguismo ou compreensão de uma língua estrangeira são as seguintes:

- fronteiras de dois “domínios linguísticos diferentes” (p.410).
- viagens de indivíduos a domínios estranhos.
- emigração de grandes massas em virtude de conquista e colonização.
- absorção pela escrita, sem qualquer contato direto com os falantes da língua.
- mistura de nações em elevado grau.

Tratando deste último item, Paul afirma que a extensão do emprego de uma língua pelos falantes de outra crescerá em função do volume de sua população, de seu poder político e econômico e também pelo que denominou sua *superioridade espiritual*. Já a velocidade do processo será função da resistência da língua *vencida*.

Com relação ao cruzamento das línguas nos diferentes indivíduos, o autor enfatiza que em termos de estrutura sintática uma delas sempre constituirá a verdadeira base, enquanto a outra desempenhará papel tão mais secundário quanto menor for a destreza do indivíduo no domínio da língua estranha.

A esse respeito, Sapir (1954, p.202) ressalta a forma como o inglês se encheu de termos franceses por ocasião da invasão normanda, preservando, porém, sua estrutura sintática. Em suas palavras:

O que há de admirar, portanto, não é que tenha adquirido certos traços morfológicos externos, simples acréscimos ao seu acervo material, mas, ao contrário que, exposto como estava a forças remodeladoras, se tenha mantido tão fiel ao seu tipo e à sua marcha histórica.

Paul acrescenta, porém, que a influência do idioma estrangeiro sobre o próprio poderá ser mais forte quando os indivíduos se *entregam* a ele intencionalmente, em virtude de considerarem a “língua e cultura estrangeira superiores” a sua (p.411). Apon-ta, todavia, para a inevitabilidade de que uma língua aprendida como estrangeira seja alterada por *substituição fonética e influência da forma linguística interna*, expressões que discutirá com maior profundidade ao longo do capítulo.

São dignos de nota nesta passagem do texto escrito no século XIX, bem como ao longo de todo o capítulo, os termos vigorosos adotados pelo autor para classificar os idiomas e as relações envolvidas no cruzamento, tais como *entregar-se, supremacia de nações, língua vencida*.

Paul julga importante distinguir a influência exercida por um idioma estrangeiro em duas diferentes espécies, a saber:

- adoção de material estrangeiro.
- combinação do material próprio e sua adaptação ao conteúdo ideológico segundo um molde estrangeiro. O autor aponta que, neste caso, a influência se resume à *forma linguística interna* (p.411), ressaltando que essa expressão foi utilizada pelo linguista prussiano von Humboldt e seu discípulo Steinthal.

Com relação à adoção de material estrangeiro, mais especificamente palavras, Paul propõe duas possíveis razões. A primeira delas é a *necessidade*. A esta cláusula pertencem os conceitos para os quais falta ainda um vocábulo designativo na própria língua. Ela inclui os nomes de lugares, pessoas e produtos importados do estrangeiro. Neste caso, o autor faz um comentário interessante: designações de produtos naturais podem transferir-se dos “povos mais incultos para os mais cultos”, enquanto no caso dos produtos artificiais, ao contrário, as importações de produtos e suas designações deixariam pressupor “uma certa superioridade da cultura estrangeira” (p.411). Na sequência, o autor afirma que

Esta superioridade ainda é de presumir mais decididamente quando se dá a adoção de conceitos técnicos, científicos, religiosos, políticos. Uma influência cultural intensa traz a maior parte das vezes consigo uma importação intensa de palavras estrangeiras (p.411).

É possível constatar no caso da língua portuguesa do começo do século XX, que essa afirmação se aplicaria por exemplo às designações de técnicas e equipamentos introduzidos a partir do desenvolvimento da tecnologia da construção na França e nos Estados Unidos, tais como *betoneira* e *concreto*. Nos dias de hoje, certamente ela explicaria a adoção de uma infinidade de designações derivadas do inglês, a começar pelo próprio *computador*, os *softwares*, *copies* e *deletes*, que acompanham os avanços da tecnologia da informação.

Além do domínio da necessidade, explica Paul, a adoção de palavras estrangeiras se dá quando a língua e a cultura estrangeira “são tidas em maior consideração do que a própria, quando portanto o emprego de palavras e expressões dessa língua é considerado especialmente elegante ou delicado” (p.412).

O surgimento de palavras derivadas de outras línguas, esclarece o autor, acontece de forma semelhante ao dos neologis-

mos. Seu emprego só deixa uma influência duradoura quando é iniciativa espontânea de diferentes indivíduos. Ele se inicia em pequenos círculos de pessoas e, em alguns casos, se estende a todas as camadas da população.

Quando o aspecto fonético dessas palavras provenientes de outra língua não apresenta anomalia para os falantes da língua local, e seu uso se generaliza, então, do ponto de vista da “sensibilidade linguística” (p.412), passam a ser tratadas como material linguístico próprio, como se não fossem palavras estrangeiras.

O autor ressalta que o comportamento em relação ao material fonético derivado de outra língua merece atenção especial, pois a fonética de uma língua nunca coincide com a de outra. Somente a aprendizagem de “sentimentos mecânicos absolutamente novos” (p.412) permitiria a aprendizagem correta da fala de uma língua estrangeira. É raro, por essa razão, que alguém se aproprie tão perfeitamente de uma língua estrangeira: normalmente, o falante empregará os sons de sua língua que mais se assemelham aos que tenta reproduzir, inexistentes em sua própria língua.

Dessa forma, reforça o autor, mesmo quando uma palavra estrangeira é adotada com pronúncia absolutamente correta, ela “não conseguirá manter-se quando se estender àqueles que dominam insuficientemente a língua estrangeira, ou que nem a conhecem” (p.413). Trata-se de uma *substituição fonética*, afirma Paul, adotando uma expressão cunhada pelo filólogo alemão Gustav Gröber.

O autor acrescenta a essa informação o interessante e ainda hoje muito pertinente comentário de que mesmo os que percebem a maneira correta de pronunciar a palavra estrangeira acabam se submetendo à pronúncia com sons da própria língua, adotada pela maioria, sob pena de parecerem muito “meticulosos ou afetados” (p.413).

Segundo Paul, excepcionalmente um som estrangeiro é adotado e passa a ser natural em uma língua, como ocorreu com o *j* francês introduzido no alemão. Não é raro que vários sons

estrangeiros diferentes sejam, porém, substituídos por um mesmo som da língua pátria. Dessa forma, o *f* e o *v* latinos, explica o autor, são representados por *f* no alto alemão.

Ainda no campo da substituição fonética, o autor cita o *alívio* de conjuntos de consoantes pouco usuais por meio da interposição de uma vogal, por exemplo *guaragno* em italiano contra *wrennio* em velho saxão.

Outra forma de assimilação de palavras estrangeiras, aponta Paul, se faz pela transmissão a elas da acentuação nacional. Essa alteração se dá muito tempo após a naturalização da palavra. Na obra, este fenômeno é exemplificado por meio de nomes próprios como *David* e *Adam*, que em alemão (bem como em inglês) tiveram suas sílabas tônicas alteradas: originalmente eram *David* e *Adâm* (p.415).

Quando ocorre a adoção de várias palavras estrangeiras que contêm o mesmo sufixo, elas se associam em um mesmo grupo e esse grupo pode se tornar, nas palavras do autor, *produtivo*, ou seja, o sufixo pode ser adotado e “associar-se ao material linguístico interno por meio de uma nova formação analógica” (p.417). Palavras inglesas como *oddity* e *eatable*, com sufixos franceses, são citadas como exemplo desse processo de associação.

Paul enfatiza que é mais raro que se adotem dessa forma *desinências de flexão*, e exemplifica com a presença do plural em *s* no alemão e no holandês. A adoção da *desinência de genitivo* é abordada pelo autor por meio do interessante exemplo da introdução da forma inglesa no indoportuguês (dialeto falado em regiões da Índia e do Sri Lanka): “*hombre ’s casa*” (p.418).

Tratando agora da *forma linguística interna*, Paul afirma que uma língua é influenciada não só pelos que a falam como língua estrangeira, mas também pelas traduções. A esse respeito, ele aponta um erro muito frequente, que é atribuir-se a uma palavra “toda a extensão da significação” que lhe pertence, quando porém ela “só em parte coincide na sua significação com

uma palavra da língua materna” (p.418). Esse erro pode acabar tornando-se linguagem usual. Como exemplo, aponta que o alemão falado pelos eslavos emprega *damals* (outrora) no sentido de futuro, porque em sua língua a mesma palavra é usada em ambos os casos.

Ao abordar, mais adiante, a influência da sintaxe, o autor explica que “nas línguas românicas e germânicas a sintaxe latina sempre teve, desde o princípio do seu emprego literário, uma influência ora maior, ora menor” (p.419). A grande concordância existente na forma linguística interna entre os povos do Ocidente, explica Paul, baseia-se, ao menos parcialmente, na assimilação pelo intenso cruzamento de línguas.

Por fim, cabe ressaltar neste trabalho que, tendo em vista a intensificação do cruzamento de línguas e especialmente a crescente influência da língua inglesa que se verificam como resultado do processo de globalização, renova-se a cada dia a importância da obra de Hermann Paul e em particular do penúltimo capítulo de *Princípios Fundamentais da História da Língua* como importante referência na pesquisa linguística.

### **Bibliografia**

- CORRÊA, E. F. S. A ideia de mudança em Hermann Paul e seu legado no gerativismo e na sociolinguística variacionista. *Diadorim*, Vol. 8, 2011, p.31-42.
- PAUL, H. *Princípios fundamentais da história da língua*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966.
- SAPIR, E. *A linguagem – introdução ao estudo da fala*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954.